

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

COMEMORAÇÕES NACIONAIS DOS CENTENÁRIOS DA FUNDAÇÃO E DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL. AS FESTAS DE GUIMARÃES.

(sem indicação de autor)

Ano: 1940 | Número: 50

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Comemorações Nacionais dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal. As Festas de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 50 (1-2) Jan.-Jun. 1940, p. 139-146.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Comemorações nacionais dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal

As Festas de Guimarães

Tornando-se indispensável deixar arquivada nas páginas desta Revista a cooperação que a Sociedade Martins Sarmento prestou, no campo da sua actividade cultural, às comemorações solenes realizadas em Guimarães por motivo da passagem do duplo centenário da Fundação e da Restauração da Nacionalidade, vamos dar um relato, muito embora sucinto, da parte em que a nossa Colectividade interveio nestas brilhantíssimas Festas cívicas, pois que a descrição geral das Solenidades se encontra em larga e minuciosa documentação na Imprensa diária do País.

1 de Junho.

A Sociedade Martins Sarmento reuniu extraordinariamente, sendo pelo Sr. Presidente declarado que, havendo probabilidades de Sua Ex.^a o Sr. General Carmona, Ilustre Presidente da República, visitar a nossa Instituição no dia 4 do corrente, propunha que o Chefe do Estado fôsse eleito Sócio Honorário da Colectividade e, no dia da visita, se lhe entregasse solenemente o respectivo Diploma. Esta proposta foi aprovada por aclamação.

2 de Junho

Pelas 11 horas da manhã realizou-se na Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira um solene Te-Deum, no qual a Sociedade Martins Sarmiento se fêz representar pelo seu Presidente.

A's 16 horas foi o Salão de Festas desta Instituição cedido à Ex.^{ma} Câmara Municipal, a pedido do seu ilustre Presidente e nosso Consócio Honorário Sr. Dr. João Rocha dos Santos, para a realização de uma Sessão Solene da mesma Câmara. A Sociedade fez-se representar pelo Sr. Francisco de Assis Pereira Mendes.

3 de Junho

Estando marcada para as 19 horas a chegada a Guimarães de S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, foi esta Sociedade convidada a ir esperá-lo, com as outras entidades oficiais, ao limite do concelho, na freguesia de Lordelo. Compareceram pela Sociedade Martins Sarmiento, no impedimento do Sr. Presidente, os Directores Srs. Alberto Vieira Braga e Francisco Pereira Mendes, que se encorporaram no cortejo.

4 de Junho

A Sociedade foi oficialmente convidada a assistir às solenes Comemorações que tiveram lugar no Campo do Salvador, junto ao Castelo de Guimarães, das 9 às 13 e das 22 às 24 horas. A Colectividade foi representada pelo seu Presidente, que, desempenhando também as funções de Comandante Militar, tomou lugar na tribuna presidencial reservada ao Chefe de Estado e sua comitiva.

Para a tarde dêste dia estava marcada a visita de Sua Ex.^a o Senhor General Carmona à nossa Sociedade. Infelizmente o Chefe do Estado não pôde visitar nenhuma das Instituições culturais da Cidade, motivo por que não houve ocasião de se lhe fazer a entrega

solene do Diploma de Sócio Honorário da Colectividade, nem de um exemplar do Volume Especial da «Revista de Guimarães» comemorativo dos Centenários, primorosamente encadernado em formosa capa com ferros especiais. Far-se-á essa entrega em Lisboa,

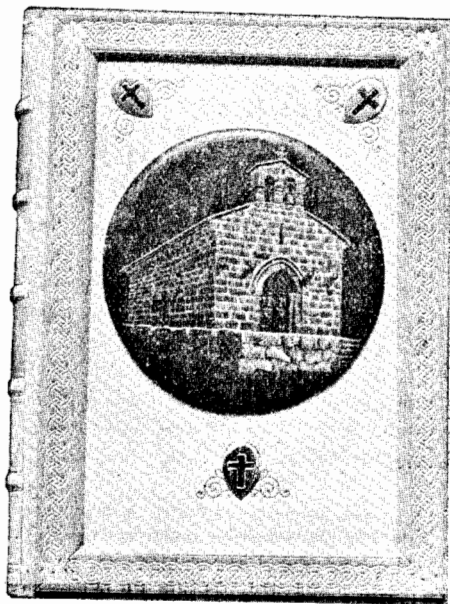


*Capa do Volume Especial da "Rev. de Guimarães"
a oferecer ao Chefe do Estado.*

em data a fixar oportunamente. Estava reservado um Volume idênticamente encadernado, para oferecer a Sua Ex.^a o Senhor Doutor Oliveira Salazar, Ilustre Chefe do Govêrno, que igualmente lhe será entregue em Lisboa em ocasião oportuna.

Esses magníficos volumes, cujas encadernações especiais neste lugar reproduzimos, constituem mais um belo esforço cultural da nossa Instituição. Trata-se de uma colectânea de Estudos Históricos, onde colaboraram alguns Investigadores e Professores Universitários,

numa bela impressão de luxo em grande formato, saída dos prelos da Tipografia Costa Carregal, do Pôrto, largamente ilustrada com fotogravuras e tricromias de aspectos e monumentos de Guimarães. Divide-se a obra em duas partes, a primeira das quais abrange o conjunto de estudos que se prendem com a época da *Fundação* de Portugal, e a segunda os trabalhos relativos à época da *Restauração*. Deram o seu con-



*Capa do Volume Especial da "Rev. de Guimarães"
a oferecer ao Chefe do Governô.*

curso literário ao primeiro grupo de artigos os Srs. Dr. Pedro Vitorino, P.^o Miguel de Oliveira, Dr. Alberto Feio, Dr. António da Rocha Madahil e Dr. Cláudio Basto; colaboraram na segunda parte os Srs. Dr. Artur de Magalhães Basto, Dr. Hernâni Cidade, Major Mário Cardoso, A. L. de Carvalho, João Lopes de Faria, Dr. Joaquim de Carvalho, Alberto Vieira Braga, Capitão Gastão de Melo de Matos,

Ernesto Soares, Coronel Belisário Pimenta e Dr. Luís Pinto Garcia.

A obra foi subsidiada pela Câmara Municipal de Guimarães, à qual aqui deixamos expresso o profundo reconhecimento da Soc. M. Sarmento.

Mais uma vez esta Colectividade se mostrou assim à altura da sua missão educativa, cultural e cívica.

5 de Junho

Partida do Chefe do Estado. A Sociedade foi representada pelo seu Presidente no acto da despedida de S. Ex.^a o Senhor General Carmona e do Chefe do Governo.

Como S. Ex.^a o Senhor Presidente da República seguisse directamente para Lisboa, não podendo assistir às comemorações que se realizavam em Braga e no Porto, fez-se substituir pelo Senhor Ministro das Obras Públicas, Dr. Duarte Pacheco, na visita que estava marcada à Citânia de Briteiros.

Pelas 11,30 horas chegou o Ex.^{mo} Ministro e sua comitiva à Citânia, sendo-lhe ali apresentados cumprimentos de boas-vindas pelo Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento, que o acompanhara de Guimarães. O Sr. Dr. Duarte Pacheco era aguardado pelo Deputado Sr. Dr. João Antunes Guimarães, pelo Comandante da Legião Portuguesa em Briteiros e por várias outras pessoas gradas, muitas senhoras e um formoso grupo de lavradeiras, que lançaram flores ao ilustre visitante.

O Sr. Ministro das O. P. agradeceu em breves palavras a saudação do Sr. Major Mário Cardoso, seguindo para Braga, depois de uma curta demora junto da Citânia.

*

E para fechar êste breve relato, queremos deixar aqui transcritas as palavras solenes que Sua Ex.^a o Sr. Presidente do Governo pronunciou do alto da Torre de Menagem do Castelo de Guimarães, na manhã do memorável dia 4 de Junho, oração académica impecável, pela expressão literária e pelo seu alto sen-

tido espiritual, radiodifundida da terra vimaranense a todos os quadrantes do Império português!

«Serei muito breve, pois tôda a palavra a sinto inferior ao momento, e todo o discurso se me afigura profanar o recolhimento das almas e a comunhão espiritual desta hora. Por todo o Portugal do continente, das ilhas, do ultramar, em terras hospitaleiras de tôdas as partes do Mundo, milhões de portugueses se recolhem, de alma ajoelhada diante dêste castelo, e comungam connosco nos mesmos sentimentos de devoção, de exaltação, de fé.

Nem eu sei o que havia de dizer. Em vão procuro, no troyel de ideias e de emoções, focar pensamento ou imagem, facto ou anseio, nome ou sentimento que aos outros sobreleve e me prenda. Passam pelo espírito séculos em revoada — os oito séculos da vida de Portugal — com seus reis e seus cavaleiros, seus descobridores e seus legistas, seus capitães e seus nautas, seus heróis e seus santos, sofrimentos e glórias, esperanças e desilusões. Passam séculos, e o português a expulsar o mouro, a firmar a fronteira, a cultivar a terra, a alargar os domínios, a descobrir a India, a apostolizar o Oriente, a colonizar a Africa, a fazer o Brasil — glória da sua energia e do seu génio político. Para tanto discutiu nas Cúrias e nos Concílios, ensinou em Escolas e Universidades de fama, fêz uma língua e uma cultura, pintou obras-primas, antes dos maiores mestres, prodigalizou-se em maravilhas de pedra, cantou em versos imortais a sua própria epopeia — e ainda hoje tão simples e tão modesto que é pobre em face dos opulentos e fraco junto dos poderosos. Abisma-se a inteligência a perscrutar o mistério, confunde-se com a desproporção dos meios e dos resultados, extasia-se ante a permanência do milagre, e não se sabe que homem, ideia rasgo ou sacrificio há-de pôr acima dos mais — a não ser exactamente o facto fundamental e primeiro de haver a raça portuguesa estabelecido o seu lar independente e cristão nesta faixa atlântica da Península. Quis o povo ser independente, livre no seu próprio território, e quiseram os reis que êle o fôsse, conquistando-lhe e mantendo-lhe a independência; e porque mandava em seus destinos, a Nação definiu um pensamento de vida colectiva, um ideal de expansão e de civilização a que tem sido secularmente fiel.

Nas nações, como nas famílias e nos indivíduos, viver, verdadeiramente viver é, sobretudo, possuir um pensamento superior, que domine ou guie a actividade espiritual e as relações com os outros homens e povos. E é da vitalidade dêsse pensamento, da potência dêsse ideal, do seu alcance restrito ou universal ou humano, que provém a grandeza das nações, o valor da sua projecção no

Mundo. Ser escasso em território, reduzido em população ou em fôrça ou em meios materiais, não limita de per si a capacidade civilizadora: um povo pode criar em seu seio princípios norteadores de acção universal, irradiar fachos de luz que iluminem o Mundo.

Para isso nos serviu a liberdade; de nós se não pode afirmar que não soubemos que fazer da nossa independência: trabalhando e recebendo em nossa carne duros golpes, descobrimos, civilizámos, colonizámos. Através de séculos e gerações, mantivemos sempre vivo o mesmo espírito e conciliável com a identidade territorial e a unidade nacional mais perfeita da Europa, uma das maiores vocações de universalismo cristão.

Eis por que esta solenidade é, ao mesmo tempo, acto de devoção patriótica, acto de exaltação, acto de fé.

Primeiro: acto de devoção. Cobrimos de flores, trazidas dos quatro cantos do Mundo, as pedras mortificadas sôbre que se ergue este castelo, como se piedosamente se beijassem as feridas de um herói ou se alindasse o berço de um santo. Vimos de longe, alguns de muito longe, a visitar a véilha casa de seus véelhos pais, a cidade augusta onde primeiro bateu com o coração do primeiro Rei, o coração de Portugal. Sabemos' dever-lhe o que fomos, e o que somos dêle vem ainda — vivermos livres na nossa terra e honrados na terra alheia.

Acto de exaltação. A Pátria portuguesa não foi o fruto de ajustes políticos, criação artificial mantida no tempo pela acção de interesses rivais. Foi feita na dureza das batalhas, na febre esgotante das descobertas e conquistas, com a fôrça do braço e do génio. Trabalho intenso e ingrato, esforços sobre-humanos, na terra e no mar, ausências dilatadas, a dor e o luto, a miséria e a fome, almas de heróis amalgamaram, fizeram e refizeram a História de Portugal. Não puderam erguê-la com egoísmos e comodidades, mêdo da morte e da vida, mas lutando, rezando e sofrendo. Cada um deu na modéstia ou grandeza dos seus préstimos, tudo quanto pôde, e por êsse tudo lhe somos gratos. Do fundo, porém, dos nossos corações não podem deixar de erguer-se, ao comemorem-se oito séculos de História, hinos de louvor aos homens mais que todos illustres que os encheram com os seus feitos. Acto de exaltação.

Mas nós realizamos hoje, também, acto magnífico de fé: fé na nossa vitalidade e na capacidade realizadora dos portugueses, fé no futuro de Portugal e na continuidade da sua História. Não somos só porque fomos, nem vivemos só por termos vivido; vivemos para bem desempenhar a nossa missão e perante o Mundo afirmamos o direito de cumpri-la. Com a solidez das raízes secula-

res, ligadas à História Universal, que sem nós seria, ao menos, diferente, sentimos com a glória desta herança as responsabilidades e o dever de aumentá-la. Estamos aqui precisamente por confiarmos nos valores eternos da Pátria; e quando, dentro de pouco — e nenhum de nós pode mais reviver êste momento — subir no alto do castelo a bandeira sob a qual se fundou a Nacionalidade, veremos, como penhor que confirma a nossa fé, a Cruz a abraçar, como no primeiro dia, a Terra portuguesa.»